

O ESTATUTO CIENTÍFICO DA LINGUÍSTICA

Dandara Freitas de PAULA

Gabriel de Almeida BRUM

João Carlos Guimarães Pinto MARTINS

Juno Menezes MAYESES

Rafael CANTÃO E SILVA

Orientador: Prof. Dr. Pablo Picasso Feliciano de Faria

Resumo: O presente trabalho reflete quanto ao estatuto científico da linguística. Para tanto, o grupo elaborou quatro perguntas de teor epistemológico e as enviou a diferentes professores do Departamento de Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Os professores solicitados a responder ao questionário são Aquiles Tescari Neto, pesquisador da área de sintaxe gerativa, Livia Oushiro, sociolinguista, e Thiago Motta, psicolinguista. A partir do cotejo entre as respostas desses e da bibliografia lida na disciplina *Linguagem e investigação em ciências humanas*, faz-se uma discussão a respeito do objeto da Linguística frente às chamadas *hard sciences* e às demais ciências humanas, a área de investigação específica de cada linguista entrevistado e possíveis conflitos e disputas entre outras áreas dentro da Linguística.

Palavras-chave: epistemologia; linguística; ciências humanas; entrevista; linguagem.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que as diferentes especialidades científicas têm o seu próprio objeto de investigação. É comum afirmar que o objeto da linguística são as línguas naturais. Assim, uma possível definição preliminar da linguística é: a ciência que estuda as línguas naturais. Tal definição suscita, no entanto, muitos questionamentos: o que se pode entender por ciência? O que são línguas naturais? Qual a diferença entre linguagem e língua? Quais os métodos empregados pela linguística? O que se observa de específico na linguística quando esta é posta em contraste com outras ciências, desde as chamadas ciências duras até as demais ciências humanas? Os distintos níveis de análise abarcados pela linguística, como a fonética, a fonologia, a sintaxe, a semântica, a pragmática, entre outros, aproximam-se ou diferem entre si em quais aspectos?

O contraste entre a linguística e outras práticas ou técnicas relacionadas ao estudo de línguas pode ajudar a elucidar o problema da linguística entendida como uma ciência. É frequente, por exemplo, que se confunda, no senso comum, gramática com linguística, uma vez que, tradicionalmente, na disciplina escolar de língua portuguesa, o ensino gramatical se faz presente, de modo que as pessoas associam ensino de língua a ensino de gramática. A concepção de gramática que comumente se tem é bem específica: a gramática normativa, cujo objetivo é ensinar as regras da escrita correta e elegante, regras essas que se baseiam na tradição gramatical e lógico-filosófica que se formou desde a Antiguidade, tendo por modelo os autores literários cujo estilo é considerado exemplar.

Uma gramática normativa da língua portuguesa, por exemplo, para ensinar um paradigma verbal, usaria categorias como sujeito e verbo, formuladas pelos filósofos e

filólogos da Antiguidade, e apresentaria exemplos de trechos de obras literárias de autores canônicos da língua portuguesa, como Eça de Queiroz, Machado de Assis, Graciliano Ramos, para justificar aquela determinada conjugação verbal. Se de fato as pessoas falam ou escrevem em consonância com tal paradigma, isso é de menor importância para o gramático.

Aquele que é por muitos considerado o fundador da linguística moderna, Ferdinand de Saussure, logo no início do seu “Curso de linguística geral” (2012,p.7), assim se manifestou a respeito da gramática:

“Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito.”

Nessa perspectiva, a gramática seria uma técnica e não uma ciência, tanto que assim foi chamada por seu fundador, Dionísio da Trácia, autor da primeira “*téchne grammatiké*”; em latim, o termo foi traduzido por “*ars grammatica*” - sendo *ars* um termo que pode ser traduzido por “arte”, “talento” ou “habilidade”.

A perspectiva linguística, por outro lado, é bastante distinta. Em primeiro lugar, a primazia dada à língua escrita pelo gramático nem sempre é dada pelo linguista, cujo escopo abarca também investigar a língua falada. Além disso, a linguística está menos interessada em regras normativas de como as pessoas deveriam falar e escrever do que em regras gerais que descrevem padrões observados na fala e na escrita dos indivíduos. O afastamento da normatividade e a aproximação com a descrição parece indicar um caminho rumo a um maior rigor científico por parte da linguística, em contraste com a gramática tradicional.

Voltando à definição preliminar de linguística como “a ciência que estuda a linguagem humana”, é possível aprofundá-la ao definir dois conceitos aí citados: o de ciência e o de linguagem humana. Começando pelo último, de fato pode-se argumentar que, considerando a linguagem humana um tipo de sistema de comunicação, por meio do qual um emissor transmite informações a um receptor, há também outros tipos de sistemas de comunicação além da linguagem humana, como as chamadas “linguagem de programação” ou “linguagem animal”. Com efeito, um computador pode responder a um comando dado e uma abelha pode comunicar à sua colmeia uma fonte de alimento. No entanto, para justificar um ramo de investigação que se volte especificamente para a linguagem humana, esta teria determinadas características que a diferenciem.

Conforme argumentam Graffi e Scalise (2013), embora haja concordância entre a linguagem humana e outras supostas linguagens, tal concordância diz respeito unicamente

à sua função (de permitirem a comunicação) e não à sua estrutura: “a reflexão sobre a linguagem natural conduzida na última metade do século passado tende largamente a considerar a sua estrutura como largamente específica, e, portanto, muito diferente seja das ‘linguagens’ animais, seja das ‘linguagens’ dos computadores, e assim por diante.” (2013, p.2). Ainda de acordo com esses pesquisadores, o fato de a linguagem humana ser um sistema discreto, recursivo, duplamente articulado e dependente da estrutura é o que a torna um objeto com características específicas.

Quanto à definição de ciência, afirmam que a metodologia científica precisa contemplar duas etapas: “1) a formulação de hipóteses gerais que deem conta de uma série de fatos particulares; 2) a formulação de tais hipóteses em modo claro e verificável.” Assim, para que a linguística seja considerada uma ciência, ela teria de formular hipóteses “que tentam atribuir a leis gerais essa multiplicidade de fenômenos particulares” sobre a linguagem. Além disso, tal formulação precisa estar amparada em (2013, p. 3):

“em termos definidos em modo explícito e basear-se em experimentos que podem ser repetidos; só o respeito desses critérios permite o controle público da validade dos resultados alcançados por determinado cientista. Se faltassem essa clareza de método e essa repetibilidade dos experimentos, seria impossível dizer se os resultados que um cientista afirma ter conseguido são autênticos ou fruto de uma trapaça ou de fanfarronice.”

Adicionalmente, há o critério de falseabilidade de Popper, para quem a ciência precisa suscitar proposições falseáveis, isto é, passíveis de serem testadas e rejeitadas e que não podem se acomodar a todo e qualquer dado empírico. Caso a suposta investigação científica não se coadune com tal critério, trata-se de uma pseudociência. Muitos consideram tal critério demasiado simplista, tal como Okasha (2016, p. 16-17), uma vez que é comum, no fazer científico, buscar meios de harmonizar o conflito entre o dado experimental e a teoria antes de descartá-la por completo. Okasha defende que, dado o caráter heterogêneo da atividade científica, não há apenas uma, mas uma série de propriedades que podem estar mais ou menos presentes nas diferentes ciências.

Ao longo do desenvolvimento, pretende-se contrastar a definição preliminar de linguística aqui oferecida, o critério de falseabilidade de Popper e a noção de um conjunto de propriedades defendido por Okasha com as respostas dadas pelos professores do departamento de linguística na Unicamp, afim de verificar-se se há concordância ou divergência sobre tudo quanto ao objeto de investigação da linguística e ao seu estatuto científico. As perguntas serão discutidas, uma a uma, a partir das respostas dos três professores entrevistados. O fato de atuarem em variadas frentes e seguirem orientações teóricas distintas foi determinante para a sua escolha.

DESENVOLVIMENTO

Pergunta 1: Qual é, na sua perspectiva, o objeto de investigação da linguística? Ela pode ser considerada uma ciência?

O professor Aquiles Tescari Neto (doravante A) responde à primeira parte dessa pergunta, relativa ao objeto da linguística, evocando a célebre frase de Saussure, segundo a qual “o ponto de vista cria o objeto”. Para A, portanto, o objeto linguístico não está dado de antemão, senão que é, antes, criado a partir da perspectiva do pesquisador. Não apenas o objeto da linguística admite uma pluralidade, mas os próprios fenômenos a serem estudados são “em certa medida construídos pelas mais diversas teorias”.

Em suas palavras: “Nesse sentido, dizer simplesmente que a Linguística se ocupa de fenômenos relacionados à linguagem humana é bastante limitador, haja vista a pluralidade mesma de objetos (possivelmente construídos por teorias linguísticas distintas) e fenômenos (esses também em certa medida construídos pelas mais diversas teorias) passíveis de descrição e explanação. Dizer, portanto, que a Linguística se interessa primeiramente pela descrição e explanação de fatos linguísticos é, portanto, tão somente uma tentativa de responder à questão. Isso porque, antes de fazer essa afirmação, precisamos definir o que seria um ‘fato linguístico’.” A não chega a dar sua definição de ‘fato linguístico’, precisamente porque defende a multiplicidade de definições dadas por pesquisadores da linguagem que seguem perspectivas distintas.

Quanto à segunda parte da pergunta, A tampouco responde a ela de modo categórico, uma vez que, para ele, é necessário, antes de determinar se a linguística é um fazer científico ou não, compreender o que se entende por ciência. Em suas palavras, “haveria um conjunto de ‘propriedades’ observáveis entre as mais diversas atividades de investigação, propriedades essas que poderiam ser usadas para oferecer uma definição, ainda que aproximativa, do que consensualmente seria ‘ciência’?”. Considerando a definição popperiana dada por Samir Okasha (2016), A afirma que “algumas áreas dos estudos linguísticos seriam, portanto, (...) em certa medida ‘científicas’: fonética acústica, algumas vertentes da Neurolinguística, algumas vertentes da Biolinguística, etc.” Daí se pode concluir, portanto, que, para A, algumas áreas da Linguística aproximam-se mais de um paradigma científico, por assim dizer, mais rigoroso, sobretudo metodologicamente, do que outras. Contudo, A defende que considerar a linguística uma ciência ou não é um problema marginal, externo “à natureza mesma da investigação”, e que só ganha relevo por interesses políticos ou financeiros relativos, por exemplo, à obtenção de financiamento para a pesquisa científica.

Já a professora Lívia Oushiro (doravante L) responde a ambas as perguntas de modo mais categórico. Em suas palavras: “eu diria que [o objeto de investigação da linguística]

é o estudo do funcionamento das línguas naturais a partir de uma perspectiva científica”. L procede a uma digressão, afirmando que “os estudos a respeito da linguagem são antigos” e evocando, por exemplo, “estudos gramaticais na Grécia antiga... Aristóteles trata disso, de categorias, como substantivo, verbo, adjetivo.”; que “havia um interesse bastante grande em resgatar os textos antigos dos gregos [no Renascimento], por exemplo, mas até aí já haviam se passado alguns séculos e, para isso, era necessário recompor estágios antigos da língua.”; e estudos que enfocam “num primeiro momento de uma perspectiva mais filológica ou hermenêutica, no sentido de interpretação de textos antigos”, “sem contar um interesse literário também de estudos sobre poemas, sobre obras artísticas.”

É possível relacionar esse estágio pré-linguístico dos estudos da linguagem que L evoca com as opções nocional, filológica e histórica do estudo da linguagem anterior ao século XIX, tal como definidas por Borges Neto (2004, p.44-51). A nocional “possui fundamentação lógico-filosófica e concebe a linguagem como *representação* (do mundo ou do pensamento)”, a filológica “pretende *preservar* formas de língua tidas por ‘clássicas’ e, para isso, dedica-se à descrição detalhada dessas formas” e a histórica visa a comparar línguas na sua evolução histórica a fim de obter “leis gerais que descrevem regularidades” (2004, p. 45, grifo do autor).

Para L, contudo, embora essas investigações venham sendo feitas há mais de dois milênios, é apenas com o estruturalismo no início do século XX que a linguística vem à luz como ciência, uma vez que enseja a possibilidade de estudar qualquer língua a partir das mesmas categorias. Em suas palavras: “Mas veja que eu considero que a linguística se apresenta como um fazer científico de fato a partir do *Curso de linguística geral* do Saussure, como uma forma mais amadurecida depois dos estudos do século XIX de linguística histórica. Mas a diferença que vem com o Saussure em relação a todos esses trabalhos, todas essas investigações que são muito, muito antigas, desde talvez séculos a. C., o que tem de novo aí, principalmente a partir do estruturalismo, é uma perspectiva que permite estudar toda e qualquer língua do mundo, não importa se ela é indo-europeia ou não, se ela é ágrafa ou se ela tem uma escrita, a partir de uma mesma metalinguagem, com as mesmas categorias de análise, então fonemas, morfemas...O que o estruturalismo inaugura de fato é essa possibilidade de analisar toda e qualquer língua a partir das mesmas categorias.”. Assim, o alcance universal da linguística parece ser, para L, um fator decisivo para que esta seja considerada uma ciência, o que só se conseguiu do último século para cá.

Outro argumento dado por L para a cientificidade da linguística é o rigor metodológico, também evocado por A: “Ela tem método ou métodos, ela tem hipóteses que são testáveis. Ela permite a comparação sistemática entre diferentes línguas, entre diferentes sistemas. E então, nesse sentido, eu entendo que a linguística é a ciência que

se debruça sobre o funcionamento das línguas naturais em todos os seus aspectos, desde uma descrição dos sons que são possíveis nas línguas, dos sons que são distintivos até a estruturação do discurso, dos textos, de sentidos, de enunciados. O objeto em si, o objeto língua, se desdobra em vários outros, mas a linguística é uma ciência que tem um objeto próprio, diferentemente de outras áreas também.”

Por fim, Thiago Motta (doravante T), aproximando-se de A, responde à primeira parte da pergunta dizendo que “não dá para definir o objeto da linguística. Dá para definir o objeto da área da linguística.” Para T, o caráter heterogêneo da linguística é tal, que é impossível delimitar um único objeto, mas sim vários. Em suas palavras: “Eu costumo dizer bastante que a linguística pode fazer quase tudo, ela só não tem relação direta com a química, mas a gente tem relações diretas com a física, com a biologia, com a psicologia, com a neurociência, com a sociologia, a gente pode fazer relação com o direito, com a história, com a computação, com um monte de coisa.”

T estabelece um paralelo entre a linguística e a história dos sete sábios cegos apalpando um elefante. O primeiro apalpa a barriga e diz ser semelhante a uma parede; o segundo segura uma das presas e diz se tratar de uma lança; o terceiro toca a tromba e a considera uma cobra; o quarto sente o joelho do animal e julga tratar-se de uma árvore; o quinto mexe nas orelhas e pensa que são abanadores; o sexto segura a cauda e diz ser uma corda. Finalmente, o sétimo sábio pede a uma criança que desenhe no chão a entidade que os outros seis sábios estão debatendo e, ao tocar o relevo, percebe do que se trata de fato. E conclui: “É assim que os homens se comportam perante a verdade. Pegam apenas uma parte, pensam que é o todo e continuam tolos!”. As diferentes áreas da linguística, para T, são como os seis sábios, isto é, estudam um recorte da linguagem humana, mas é preciso que essas partes se articulem a fim de se obter um entendimento mais profundo das línguas em geral.

Além disso, T considera a linguística uma ciência, sem entrar na definição desta, mas argumentando que a interlocução entre a linguística e outros ramos científicos já é por si uma justificativa. Em resumo e em suas palavras: “Eu posso sair falando um monte de interfaces aqui, mas tudo isso precisa de a gente saber o mínimo que é como funciona, como a linguagem se apresenta para gente nesse primeiro nível que é o nível mais, vamos dizer, formal, que a gente vai descrevendo como funciona a fonética, a fonologia, e a morfologia, a semântica, a sintaxe, a prosódia, e por aí vai. Então, se eu fosse falar sobre isso, o objeto de investigação da linguística depende do que é a área da linguística (...) Então, para mim, a linguística olha como funciona a comunicação humana através de línguas (...) E, se pode ser considerada uma ciência, eu acho que está explicado, porque a gente faz tanta relação com várias áreas da ciência, porque não seria uma área científica?”

E a linguística por si só também é uma ciência, você tem objetos, você lida de forma científica com ela.”

Pergunta 2: Há especificidades na linguística, quando esta é confrontada com alguma das chamadas «ciências duras», como, por exemplo, a física, ou com outras ciências humanas, como a história ou as ciências sociais?

Ao responder à segunda pergunta, A remete a uma das dicotomias saussurianas: aquela entre forma e substância. Para Saussure, a língua é uma espécie de moeda cujas faces, indissociáveis, são o pensamento e o som: “Poder-se-ia chamar à língua o domínio das articulações (...): cada termo linguístico é um pequeno membro, um articulus, em que uma idéia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma idéia.” (2012, p. 131). Isto é, a língua não é pura substância psicológica (pensamento) nem tampouco pura substância fônica (sons), mas uma **forma** que articula ambos.

Deste modo, Saussure considera o objeto linguístico apenas a forma, não a substância. O estudo do pensamento dissociado do som, na língua, caberia, para ele, a uma hipotética “Psicologia pura”, enquanto o estudo do som dissociado do pensamento, a uma hipotética “Fonologia pura”. A endossa tal visão, ao dizer que: “embora físicos e engenheiros possam se interessar por fatos linguísticos (digamos, descrição acústica de fonemas, por exemplo), as questões e interesses não serão, a priori, essencialmente linguísticos. Para usar o glossário estruturalista, serão interesses sobre a *substância*, não sobre a *forma*, essa sim de interessados linguistas.”

A respeito da especificidade da linguística frente às demais ciências humanas, A propõe um argumento similar: “as ditas ‘Humanidades’ interessam-se até por fatos linguísticos, mas tão somente marginalmente: o foco não será essencialmente a ‘materialidade’ da linguagem (...); a História, por exemplo, interessar-se-á por linguagem mas tão somente numa perspectiva ancilar: os textos (narrativas e outros documentos) oferecem tão somente pistas para o estudo da História.” Em suma, a linguística pode tomar de empréstimo conhecimentos das **hard sciences**, como da Física no estudo fonético, assim como outras ciências podem se servir do conhecimento linguístico, como a História quando trabalha com textos, mas, para A, há um “território” próprio que caracteriza a linguística.

Já L vê uma acentuada diferença entre a linguística e as ciências exatas. Usando a física como ponto de partida dessa comparação, L afirma que, de fato, há certas “leis que funcionam dentro do nosso nível de objetos que são visíveis a olho nu”, mas que “não necessariamente se aplicam ou num nível subatômico e nem tampouco no nível do cosmos”. Contudo, a diferença radica no fato de que “não são necessariamente

perspectivas e abordagens diferentes, não são pontos de vista diferentes, são objetos realmente diferentes”. Assim, para L, a linguística, “mais do que outras ciências, tem uma tolerância, tem uma flexibilidade de conseguir abarcar vários objetos dentro desse objeto mais geral que são as línguas, as línguas naturais e seu funcionamento. Então Saussure já previa que a língua pode ser analisada a partir de diversas perspectivas.”, tal como A já havia sustentado.

Para confirmar sua argumentação, L exemplifica essa maior “tolerância” dentro da linguística com o estudo da sintaxe: “Então, se a gente pegar a sintaxe, por exemplo, existe uma sintaxe que é chamada de funcionalista, que parte de certos princípios, que parte de certos conceitos, e existe uma sintaxe chamada formalista, que é o gerativismo, por exemplo, e que parte daí agora de outra perspectiva. Então veja, o objeto é o mesmo, mesmo dentro desse recorte (...) esse mesmo objeto pode ser analisado a partir de diversas perspectivas.”

Na Física, o mundo subatômico e o mundo do que é visto a olho nu são objetos distintos, mas dentro de cada objeto não se admitiriam pontos de vista contraditórios, enquanto na linguística, para L, o mesmo objeto pode ser visto desde pressupostos distintos e até incompatíveis. Claro que aqui se poderia argumentar, junto com Borges Neto (2004, p.34-5), que a Física não é tão “exata” assim em contraste com a linguística, como L faz parecer: no estudo da luz, que é um mesmo objeto observacional, existem dois objetos teóricos distintos — um que a privilegia como corpúsculo, outro que a entende como onda.

Quanto à comparação entre a linguística e outras ciências humanas, L defende que há muitas similaridades, tanto pelo fato de estas e aquela admitirem uma maior “flexibilidade” quanto porque a própria linguística estruturalista surgida no século XX “vai influenciar outras ciências humanas, como a antropologia, a sociologia, a história (...). Como outras ciências humanas, existem várias abordagens, vários pontos de vista, às vezes não só pelo objeto em si, mas o mesmo objeto pode ter mais de uma abordagem.”

T, por sua vez, considera o cotejo entre a Linguística e outras ciências, mais exatas ou não, de menor importância. Para ele, cada ciência tem seus próprios métodos, que se constituem de acordo com suas necessidades particulares. Em suas palavras, “Você pode ter um método que na sua área é super aceito, mas em outras não, e às vezes isso tem a ver até com características das áreas. Então, por exemplo, a gente tem o Sirius aqui na Unicamp, que é um acelerador de partículas. Para quê eu preciso de um acelerador de partículas para saber alguma coisa de linguagem? Não adianta, não serve para nada, mas para a física serve demais, então depende de a gente realmente ter alguma coisa para enxergar nesse método, ter como fazer previsões com ele. Então, toda área vai ter sua especificidade nesse sentido de que haverá métodos que são mais aceitos, menos aceitos,

ou não aceitos, então isso é o que vai definindo esse consenso, por assim dizer dentro da área.”

Além disso, T defende que o paradigma científico não precisa estar ligado a uma lógica determinista, baseada apenas em modelos matemáticos. Ele menciona um livro intitulado *What Darwin got wrong* (FODOR;PIATTELLI-PALMARINI,2010), no qual se argumenta que a teoria da evolução não seria científica. Não obstante, em sua visão, não se trata de uma pseudociência. Para T, hoje se trabalha, em algumas áreas de investigação, como modelo de sistemas complexos: “às vezes você sabe muito bem como as coisas funcionam, só que não tem como fazer medidas muito precisas de algumas variáveis porque elas variam demais e tem muita coisa influenciando”. A linguística, dada a heterogeneidade que a caracteriza e que todos os entrevistados mencionaram, poderia se beneficiar desse novo paradigma.

Pergunta 3: De que maneira o problema do estatuto científico da linguística aparece no seu cotidiano como pesquisador(a) da área, considerando seu foco de interesse específico? Há momentos em que essa discussão epistemológica é suscitada pelo seu fazer linguístico, mesmo que de maneira intuitiva?

A terceira pergunta procurou fazer os entrevistados refletirem a respeito do estatuto científico da linguística já não mais de um modo geral, mas a partir do seu foco de interesse, da sua atuação específica dentro de uma área da linguística. A, como sintaticista teórico, de vertente gerativa, retoma o critério metodológico, trazido à tona também por L e T. Citando um trabalho seu recentemente publicado (*On the Raising of the Finite Main Verb in Angolan Portuguese and in Mozambican Portuguese: Cartographic Hierarchies, Microvariation and the Use of Adverbs as Diagnostics for Movement*, de 2022), no qual procedeu a uma descrição cartográfica no âmbito do português falado em países africanos, A assim se pronuncia: “Para a recolha dos dados, obviamente que segui expedientes metodológicos que alguém poderia considerar ‘científicos’ (...) Para a análise, recorri a expedientes estatísticos. Numa definição epistemologicamente descompromissada de ciência, alguém poderia até dizer que os expedientes utilizados são científicos: os experimentos podem ser replicados, havia uma hipótese subjacente a eles, etc.; as asserções produzidas podem inclusive ser falseadas, à la Popper. Se, do ponto de vista político, for interessante argumentar que investigações como essa sejam consideradas científicas, valerá a pena recorrer a esses argumentos. Do contrário, não acho que sejam argumentos suficientes para caracterizar esse tipo de empreitada de ‘científica’. Eu diria que se trata de uma investigação acadêmica.”

A, portanto, considera o rigor metodológico traço importante do fazer científico, traço esse se faz presente nas suas pesquisas e que se caracteriza, entre outras coisas, pela análise quantitativa e estatística, pela replicabilidade dos experimentos, pela formulação de uma hipótese como ponto de partida do estudo e pela possibilidade de tal hipótese ser confirmada ou porventura rejeitada por outros pesquisadores da área. É interessante notar, porém, que, embora lance mão de tais métodos em sua atividade como linguista, A não é categórico em afirmar que o que realiza é ciência, preferindo dizer que se trata de uma “investigação acadêmica” e que o debate em torno do estatuto científico da linguística só tem interesse desde um ponto de vista político, como uma forma de reivindicar, talvez, certo prestígio para a área e atrair financiamento.

Já L, por sua vez, é sociolinguista, isto é, “estuda a língua em seu contexto social”, e enfatiza também em sua resposta o componente metodológico. Em comparação com o físico, para L, o sociolinguista assemelha-se ao físico experimental e não ao teórico, “porque o sociolinguista gosta de fazer experimentos, de trabalhar com dados específicos, levantar hipóteses e testá-las a partir de dados empíricos, não só pensando em nível abstrato (...) Então (...) a sociolinguística é uma das áreas que se orienta de modo científico, assim, talvez até mais do que outras áreas, ou é uma das áreas da linguística que tem uma orientação científica bastante forte. Isso porque o sociolinguista trabalha na base de levantamento de hipóteses, coleta de dados, daí a testagem da hipótese sobre esses dados, uma avaliação normalmente a partir de uma análise quantitativa para verificar se essa hipótese se confirma ou não.” A concordância entre a A e L, no que diz respeito ao rigor metodológico, são, aqui, flagrantes. Talvez a diferença entre um e outra resida no fato de que A, seguindo orientação gerativista, seja mais afim à linguística teórica, que privilegia o método dedutivo e formal, enquanto L, mais empiricista, dê primazia ao indutivo e quantitativo.

T, por outro lado, que é um psicolinguista, não responde à pergunta recorrendo à via metodológica, mas abordando a percepção social que se tem da linguística e a confusão que comumente se estabelece entre sua área e atividades que, para ele, são pseudocientíficas, como a programação neurolinguística. Em suas palavras, “Quando você está fazendo divulgação científica de física, você não precisa chegar e dizer que física é uma ciência (...) Com linguagem (...) você ainda tem esse trabalho de, primeiro, convencer de que é uma ciência e, depois, tentar explicar”. Além disso, relata o fato de ter sido chamado para um podcast para falar de neurolinguística, uma área afim à sua, mas cuja pauta era, na verdade, a programação neurolinguística (PNL). Esta é uma abordagem que mescla conceitos de diferentes ciências, dentre as quais a psicologia, com uma pretensão bastante prática de alterar e “aperfeiçoar” comportamentos. T não explicita seu argumento para considerar a PNL uma pseudociência, mas é fácil verificar

que não apenas ele, como também os demais entrevistados, poderiam justificar essa desconsideração a partir dos critérios metodológicos e de falseabilidade e da ausência de um objeto claro de investigação da PNL.

Pergunta 4: Muitos consideram o objeto de investigação da linguística algo heterogêneo. Há disputas e conflitos de perspectiva entre a sua visão quanto à linguística e a de pesquisadores de outras áreas dentro da linguística?

Quanto à última pergunta, A responde a ela sucintamente, afirmando que “o pluralismo é regra em Linguística” e defendendo que “haja espaço para as mais diversas investigações sobre ‘linguagem’”, espaço esse que ele mesmo procura ofertar como editor-adjunto de uma revista da área, a *Cadernos de Estudos Linguísticos*.

Assim como A, L também reconhece o caráter plural da linguística; ambos retomam ainda uma vez a célebre frase de Saussure de que “o ponto de vista cria o objeto”. L é ainda mais enfática, ao asseverar que “isso é um consenso entre os linguistas, que o objeto da linguística é heterogêneo.”

Quanto aos conflitos de perspectiva entre sua área de investigação, a sociolinguística, e outras vertentes, L afirma haver, por vezes, “pressupostos incompatíveis”: “o gerativismo faz uma diferenciação conceitual (...) entre competência e performance ou entre língua-i, a língua interna, e a língua-e. (...) Mas veja então, o gerativismo, ao fazer essa diferença entre competência e performance, deixa bastante claro que, para essa perspectiva, o objeto de estudo da linguística é a competência, não é a performance, ou seja, não é exatamente o modo como as pessoas falam, mas é o conhecimento que as pessoas têm das línguas e de sua língua para produzir sentenças que são possíveis dentro daquela língua. E mesmo que haja erros de performance ou mesmo que haja variação, o verdadeiro objeto da linguística seria esse conhecimento abstrato que reside na mente do falante e não o modo como as pessoas falam. Então eu disse anteriormente que o objeto da sociolinguística variacionista é a língua em uso. Então veja que aí já tem uma diferença de ponto de partida, de qual é o verdadeiro objeto da linguística.”

L salienta o fato, também destacado por A, de que essas disputas, porém, muitas vezes “têm a ver com questões externas que circundam o fazer científico”, “disputas (...) mais políticas, às vezes por financiamento, por espaço de diferentes áreas, mais de visibilidade”, que ocorrem nos mais diversos âmbitos acadêmicos e ensejam um entendimento sociológico das rivalidades daí oriundas. Tais contendas, para L, contudo, não impedem o convívio respeitoso entre pares no terreno acadêmico: “é importante respeitar essas diferentes perspectivas. Elas nem sempre vão ser compatíveis, mas não

significa que os linguistas não possam se conversar, se dialogar e ter uma convivência harmônica”.

T, por sua vez, afirma não perceber que sua área entre em conflito com outras dentro da linguística, embora a psicolinguística muitas vezes lance mão do método experimental, a que pesquisadores de outras áreas nem sempre recorrem. Trata-se, novamente, da analogia como elefante sendo apalpado em diferentes partes: “no final, a gente precisa juntar tudo para poder explicar o objeto”. T afirma: “a única coisa que eu vi da linguística que realmente é incompatível uma com a outra são duas teorias: a teoria gerativa, que acha que a sintaxe é o núcleo da linguagem, e a teoria da linguística cognitiva, que acha que a semântica é o núcleo da linguagem (...) Essas são incompatíveis epistemologicamente porque as duas não podem estar certas ao mesmo tempo, mas, ainda sim, como uma pensa na semântica como o núcleo da linguagem, ela desenvolveu ferramentas ótimas para lidar com semântica e, como a outra pensa na sintaxe como o núcleo da linguagem, ela desenvolveu ferramentas ótimas para lidar com sintaxe.”

Contudo, T não defende que a união entre os resultados das mais diversas áreas seja capaz de ensejar uma “teoria de tudo”, tal como se pretendeu, de modo malogrado, para T, na Física. Trata-se de fazer um esforço de que os pesquisadores saiam de suas “caixinhas” rumo a um entendimento mais sofisticado da linguagem humana. Em suas palavras e em suma, “A gente precisa olhar pra isso tudo, como é que a linguagem passou a existir no mundo, como é que a gente produz, como é que a gente pensa as coisas que a gente produz (...) Então a gente tem que pensar nisso tudo e é óbvio que cada uma dessas áreas tem um foco e, tendo um foco, elas vão ter ferramentas melhores para olhar para cada uma dessas perguntas. (...) E toda essa variedade de teorias, de métodos é ótima.”

CONCLUSÃO

A partir das respostas dadas pelos professores, é possível fazer algumas considerações finais, buscando entender quais são os consensos a que chegaram e as divergências que tiveram. Além disso, pode-se também comparar a definição preliminar de linguística dada na introdução com as perspectivas de cada professor.

Quanto ao objeto da Linguística, L foi a que deu a resposta mais assertiva, afirmando tratar-se do “estudo do funcionamento das línguas naturais a partir de uma perspectiva científica”, definição quase idêntica à de Graffi e Scalise. Para a confirmação do estatuto científico da linguística, L recorre a critérios popperianos, relativos ao método e à testagem de hipóteses, acrescentando, porém, que o escopo universal da linguística de estudar “toda e qualquer língua do mundo”, nascido com Saussure, é crucial para enxergá-la como uma ciência. Neste ponto, L distancia-se de A, uma vez que, para este, o objeto da Linguística

não está dado de antemão, mas é “recortado” pela perspectiva do pesquisador, e também de T, para quem não há um único objeto, mas vários, de acordo com a área.

A é mais reticente em confirmar a cientificidade da linguística, preferindo vê-la como uma “investigação acadêmica”, embora reconhecendo a existência de áreas, por assim dizer, “mais científicas” da Linguística, sobretudo quando se lança mão de critérios popperianos. T não elabora a sua visão do que seja ciência, mas concorda com L em que a Linguística é uma, sobretudo pela interlocução existente entre esta e várias outras ciências.

Ao que parece, todos aproximam-se da asserção de Okasha, para quem há uma série de propriedades mais ou menos presentes nas diferentes ciências, mas não uma ou algumas propriedades que estejam, necessariamente, em uma disciplina ou área de investigação para que esta seja considerada científica. Isso porque nenhum dos entrevistados respondeu que a Linguística é uma ciência por obedecer a tal ou tais critérios necessários e suficientes: A e L recorrem sobretudo a um conjunto de métodos que podem estar presentes na Linguística e torná-la mais próxima do fazer científico, enquanto T privilegia a interlocução desta com outras ciências como um argumento.

Quanto ao cotejo entre a Linguística e as ciências exatas e humanas, A entende que algumas das *hard sciences* podem auxiliar o estudo da linguagem humana – como a Física Acústica na Fonética-, assim como as Humanidades podem estudar objetos tipicamente linguísticos, como textos, mas que a especificidade da Linguística radica em estudar a forma, no sentido saussuriano, e não a substância. L enfatiza a influência que a Linguística exerceu nas ciências humanas, sobretudo no século XX, e a maior tolerância e flexibilidade desta em admitir que um objeto possa ser investigado por pesquisadores que tenham pressupostos distintos e até incompatíveis, o que, na sua visão, não se observa nas ciências exatas. T não considera vantajoso comparar a Linguística com outras ciências, pois, para ele, os métodos são diferentes e surgem de acordo com a necessidade que o objeto impõe. Além disso, suscita a possibilidade de estudar a linguagem humana como um sistema complexo, um novo paradigma que tem sido, para T, incorporado a outras ciências.

A respeito da área específica de atuação dos entrevistados e sua relação com o fazer científico, A recorre novamente a critérios popperianos, a saber, análise quantitativa e estatística, replicabilidade de experimentos, formulação de hipóteses que podem ser confirmadas ou rejeitadas, para dizer que muitos consideram o seu fazer linguístico algo científico, embora para A, essa consideração seja marginal à investigação acadêmica em si é relevante apenas politicamente. L vê sua atuação como sociolinguista bem próxima do fazer científico, pelo emprego de uma metodologia rigorosa bastante similar à descrita por A. T constata o fato de que, enquanto outras ciências não precisam reivindicar um

estatuto científico, a Linguística ainda precisa fazer esse convencimento da opinião pública. Além disso, enfatiza a confusão que existe entre pseudociência se a sua área de atuação, a Psicolinguística.

Finalmente, a última pergunta ensejou uma resposta virtualmente unânime entre os entrevistados, que afirmaram ser a pluralidade uma das marcas da Linguística e defenderam a convivência respeitosa entre suas mais diversas áreas rumo a um entendimento mais aprofundado dos fenômenos associados à linguagem humana. Fiorin, a propósito da necessidade de “renovar o diálogo entre a linguística e a literatura” e da interdisciplinaridade dentro dos estudos linguísticos, manifesta um desejo que, certamente, os linguistas convidados também têm, não apenas entre Linguística e Literatura, mas entre as distintas vertentes daquela (2008, p. 52):

“(…) seria preciso disposição para mudar hábitos intelectuais, respeito pela diferença, abertura para a alteridade, vontade de abandonar a comodidade de trilhar os sendeiros já batidos. Seria necessário olhar para nossos vizinhos de sala sem desprezo; admitir que, em ciência, não há feudo, não há exclusividade; reconhecer a legitimidade do outro para tratar do assunto em que se é especialista. Entretanto, a ciência desertou de nossas escolas, pois, quando um ponto de vista teórico ou um campo do saber são vistos como a totalidade do conhecimento, como a verdade, estamos longe do discurso científico e muito perto do discurso religioso. Aí a aventura da interdisciplinaridade some, porque aparecem sumos sacerdotes, dogmas, interdições, excomunhões... A triagem sobreleva a mistura. É isso que vivemos em nossas ‘igrejas’, que estão fazendo estiolar qualquer projeto científico.”

BIBLIOGRAFIA

FIORIN, J. L. (2008). Linguagem e Interdisciplinaridade, vol. 10, n. 1, p. 52.

GRAFFI, Giorgio; SCALISE, Sergio(2013). Le linguee illinguaggio: introduzione a lla linguistica, 3. ed., p. 15-26.

NETO, J. B. (2004). Ensaios de filosofia da linguística: De que trata a linguística, afinal? Ed. Parábola Editorial, SP, p. 45, 51-5.

OKASHA, S. (2016). Philosophy of Science: A Very Short Introduction. 2. ed. Ed.Oxford University Press, p. 16-7.

SAUSSURE, F. (2012). Curso de linguística Geral. 28 ed., Ed. Cultrix, p. 07.